

Heterossexualidade compulsória e protagonismo lésbico no romance *Controle*, de Natalia Borges Polesso

Compulsory heterosexuality and lesbian protagonism in the novel *Controle* by Natalia Borges Polesso

Eliane Santos da Silva¹
Nadege Ferreira Rodrigues Jardim²

RESUMO: Esse artigo tem como objetivo analisar como a heteronormatividade se evidencia e influencia a experiência individual das duas personagens lésbicas: a protagonista-narradora Maria Fernanda/Nanda e sua amiga de infância Joana no romance de formação *Controle* (2019), de Natalia Borges Polesso. A concepção de Humanidade é construída sobre classificações binárias que se fazem por exclusão, "normalidade" e "anormalidade" estão presentes no percurso individual da protagonista-narradora que é marcado pelas diversas tecnologias de dominação e opressão que regulam e atravessam não somente as lésbicas, mas todas as vidas relegadas ao lugar/papel do "outro". Como aporte teórico serão utilizados os conceitos de *Heterossexualidade compulsória*, de Adrienne Rich (2010), *The Straight Mind*, de Monique Wittig (1980) e *Epistemologia do armário*, de Eve K. Sedgwick (2007).

ABSTRACT: This article aims to analyze how heteronormativity is evidenced and influences the individual experience of the two lesbian characters: the protagonist-narrator Maria Fernanda/Nanda and her childhood friend Joana in the Bildungsroman *Controle* (2019) of Natalia Borges Polesso. The conception of Humanity is built on binary classifications that are made by exclusion, "normality" and "abnormality" which are all present in the individual course of the protagonist-narrator who is marked by the various technologies of domination and oppression that regulate and cross not only lesbians, but all lives relegated to the place/role of the "other". As a theoretical contribution, this article will use the concepts of *Compulsory Heterosexuality*, by Adrienne Rich (2010), *The Straight Mind*, by Monique Wittig (1980) and *Epistemology of the closet*, by Eve K. Sedgwick (2007).

PALAVRAS-CHAVE: Heteronormatividade; Protagonismo lésbico; *Controle*; Natalia Polesso.

KEYWORDS: Heteronormativity; Lesbian protagonism; *Controle*; Natalia Polesso.

¹ Mestra em Literatura pela UFSC. Doutoranda em Literatura pela mesma universidade.

² Mestranda em Literatura pela UFSC.



Publicado em 2019 pela Companhia das Letras, *Controle*, de Natalia Borges Polezzo³ é, segundo Figueiredo (2020, p. 342) e a própria autora (POLESSO, 2018a), um Bildungsroman/romance de formação que Carola Saavedra (2019), em sua apresentação da obra, muito acertadamente nos descreve como “um livro sobre a solidão. Sobre a solidão daqueles que estão à margem, que não conseguem se inserir na sociedade, com suas regras e expectativas.” (SAAVEDRA, 2019, s/p In POLESSO, 2019).

A concepção de Humanidade é construída sobre classificações binárias que se fazem por exclusão. Como argumenta Segato (2012), a partir do estabelecimento da Modernidade/Colonialidade, ao invés de dualidade, há binarismo. Na relação binária, um termo suplementa o outro, e não o complementa. Ao considerarmos um desses termos como universal, canônico e normal, o segundo termo se converte em “resto”, “margem”, “anomalia”. Classificações fixas de “normalidade” produzem uma subalternização do diferente, onde corpos e corpos⁴ que não se adequam aos parâmetros hegemônicos⁵ estabelecidos são marcados como

³ Natalia Borges Polezzo é escritora, professora, tradutora e pesquisadora de pós-doutorado com bolsa CAPES na Universidade de Caxias do Sul. Doutora em Teoria da Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, com período de doutorado-sanduíche na *Sorbonne Université*, Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade na Universidade de Caxias do Sul, é autora de diversos livros, dentre eles: *Recortes para álbum de fotografia sem gente* (2013) – vencedor do prêmio Açorianos de Literatura em 2013 – e *Amora* (2015) – vencedor dos prêmios AGES – livro do ano (2016), Açorianos de Literatura (2016) e 1º lugar no Prêmio Jabuti nas categorias Contos e Escolha do Leitor. Recentemente, publicou *Controle* (2019) – vencedor do prêmio Minuano de Literatura 2020 na Categoria Ficção – romance/novela e *Corpos Secos* (2020). Em 2017, foi selecionada para a coletânea *Bogotá39*, que reúne os 39 escritores mais promissores da América Latina com menos de 40 anos.

⁴ Termo “corpos” utilizado com o propósito de visibilizar identidades não hegemônicas, em especial as não cisgêneras e as não binárias.

⁵ “(...) entendendo-se por hegemônico um sistema de coerções e pressões homogeneizadoras que atestam a capacidade da cultura dominante em apresentar uma versão, afirmar uma presença, construir um discurso e postular uma identidade como se só essa fosse a possível e verdadeira” (SCHMIDT, 2017, p. 150).

inapropriados, abjetos e sofrem eliminação, abjeção e/ou invisibilização sistemáticas.

Como apontado por Monique Wittig (1980), a sociedade heterossexual está baseada na necessidade do diferente, do “outro”, já que a heteronormatividade tem como base o binarismo estrutural que organiza a nossa sociedade sem a possibilidade de gradação entre dois termos. A cultura hegemônica exige uma coerência baseada na heteronormatividade, que não é natural, mas social e, mais do que uma prática sexual, é uma ideologia, uma instituição, um regime político e compulsório⁶ (RICH, 2010), uma tecnologia de dominação e poder que funciona como base da opressão das mulheres, de sua apropriação pelos homens, fundamentada na ideia da existência de uma diferença dos sexos (WITTIG, 1980 e FALQUET, 2012) que “assegura que as pessoas nem mesmo perceberão que poderiam haver outras possibilidades” (MYRON e BUNCH, 1975, *s/p apud* KATZ, 1996, p. 152). A heterossexualidade compulsória opera como um dispositivo de poder que relega à abjeção⁷ toda e qualquer existência cujo discurso não seja heterocentrado ou que de alguma forma subverta a matriz heterossexual. A partir disso, “a experiência lésbica é percebida através de uma escala que parte do desviante ao odioso ou a ser simplesmente apresentada como invisível” (RICH, 2010, p. 21). Esse “apagamento da existência lésbica (exceto quando vista como

⁶ “Rich coloca la heterossexualidad como algo distinto a una simple ‘práctica sexual’, ‘preferencia’, ‘orientación’ o ‘elección’ para las mujeres. Para ella, se trata más bien de una imposición institucionalizada para asegurar el acceso físico, económico y emocional de los hombres a las mujeres”. (CURIEL, 2013, p. 49).

⁷ Abjeção aqui compreendida como um espaço da dessemelhança, da não-identidade e da projeção monstruosa sobre o outro que provoca a exclusão/expulsão. O abjeto que, segundo Butler (*apud* PRINS e MEIJER, 2002, p. 161): “relaciona-se a todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas vidas e cuja materialidade é entendida como não importante”. Ou que, de acordo com Miskolci (2017, p. 24): “se refere ao espaço a que a coletividade costuma relegar aqueles e aquelas que considera uma ameaça ao seu bom funcionamento, à ordem social e política. (...) A abjeção, em termos sociais, constitui a experiência de ser temido e recusado com repugnância, pois sua própria existência ameaça a visão homogênea e estável do que é a comunidade.”



exótica ou perversa)” (RICH, 2010, p. 26) produziu e ainda produz “uma lacuna no campo literário quanto à autoria e representação da homossexualidade de mulheres na literatura, lacuna promovida por esquecimentos e apagamentos” (POLESSO, 2018b, p. 4).

Natalia Borges Polesso é “uma escritora urgente, porque ela é uma voz definitiva, forte e essencial em nossa literatura, porque ela nos fala daquilo que esteve por tanto tempo em silêncio” (SAAVEDRA, 2019, s/p *In* POLESSO, 2019).

Não se trata apenas da possibilidade de falar, mas da possibilidade de “falar com autoridade”, o reconhecimento de que determinado discurso tem valor e merece ser ouvido. Conforme afirma Polesso (2017):

escrevi três livros, três livros que tratam, direta ou indiretamente, de relações lésbicas. Sim. Simplesmente porque minha experiência de (r)existir é uma experiência de mulher e de mulher lésbica, e eu escolhi que escreveria sobre isso, porque eu, dentro de uma reflexão diária, entendi, primeiramente, a importância dessa experiência, e depois, a importância de sua visibilidade, reconhecimento e, sobretudo, respeito. Nos enredos do meu trabalho, esta se constitui uma escolha política e estética. Política por ser modo de ocupar, estética por ser modo de pensar e realizar a minha escrita. É uma bandeira?, perguntam. Por que não seria? É uma escolha consciente? Sim, definitivamente. (...) Algumas pessoas me elogiam dizendo que “não é um livro lésbico, é um livro sobre questões maiores e que a todos tocam”. Muito obrigada, mas é justamente aí que reside o problema. Ser lésbica é uma questão maior pra mim. É parte de como eu me relaciono com o mundo, com as pessoas, e eu não quero que esse fator seja apagado. Ele é importante, primordial, até. (POLESSO, 2017, s/p)

No campo literário brasileiro contemporâneo, onde os espaços mercadológico, acadêmico e canônico ainda são monopolizados por epistemologias e lugares de fala hegemônicos, se faz absolutamente necessária a

identificação e representatividade que a escrita e a pesquisa de Polesso, ao visibilizar protagonistas e escritoras não heteronormativas, nos proporciona.

Em *Controle* (2019), as letras da banda *New Order*⁸ permeiam e integram o fluxo de pensamento da narradora e protagonista Maria Fernanda/Nanda e dão nome aos capítulos, com exceção do primeiro: “Desordem” e do último: “Prazeres Desconhecidos”. *Disorder* é uma das músicas de *Unknown Pleasures* (1979), álbum de estreia da banda *Joy Division*⁹, cujo vocalista e guitarrista (Ian Curtis), assim como a protagonista de *Controle*, tinha epilepsia. Semelhante ao percurso do *New Order*, a vida de Maria Fernanda também atravessa um processo de desconstrução e reconstrução. O romance acompanha a narradora-protagonista dos 14 aos 34 anos, um percurso em que tenta se articular em busca de legitimidade e de inteligibilidade. Como exposto por Carola Saavedra:

não encontra palavras (ou as teme) que nomeiem quem ela é, tenta se manter no caminho do meio, no silêncio, do controle, mas no decorrer da narrativa vai percebendo que esse caminho é pouco, muito pouco, que é necessário ir além, atravessar seus medos, ser quem realmente é. (SAAVEDRA, 2019, s/p In POLESSO, 2019)

O não pertencimento a parâmetros hegemônicos – já que é mulher¹⁰ cis não heteronormativa e, por ter epilepsia, não atende ao modelo de “normalidade”, é preterida a um lugar de “corpo doente/não saudável/não funcional/não

⁸ Banda inglesa de rock e música eletrônica formada em 1980 em Manchester por Bernard Sumner, Peter Hook e Stephen Morris – remanescentes da banda *Joy Division* – com a adição de Gillian Gilbert.

⁹ Uma das bandas pioneiras do pós-punk, *Joy Division* foi fundada em 1976, em Manchester, e encerrou suas atividades em 18 de maio de 1980 após o suicídio do vocalista e guitarrista Ian Curtis. Após o término da banda, os três integrantes remanescentes (Bernard Sumner, Peter Hook e Stephen Morris) formaram o *New Order*.

¹⁰ “Mulher” aqui compreendida como “una categoría socialmente construida sociológica y políticamente, resultado de la ideología de la diferencia sexual que deriva de la división sexual del trabajo en diferentes sociedades. (...) Con ello me separo de cualquier sesgo esencialista de la misma.” (CURIEL, 2013, p. 28).



(re)produtivo” – faz com que não se perceba como sujeita¹¹ inteligível, sua existência é inserida pelos outros e por si própria no campo da abjeção. De acordo com Judith Butler (2019):

O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas “não-vivíveis” e “inabitáveis” da vida social que, não obstante, são densamente povoadas por aqueles que não alcançam o estatuto de sujeito, mas cujo viver sob o signo do “inabitável” é necessário para circunscrever o domínio do sujeito. Essa zona de inabitabilidade vai constituir o limite que circunscreve o domínio do sujeito; ela constituirá esse lugar de pavorosa identificação contra a qual – e em virtude da qual – o domínio do sujeito circunscreverá sua própria reivindicação por autonomia e vida. Nesse sentido, o sujeito é constituído por meio da força de exclusão e abjeção que produzem um exterior constitutivo para ele um exterior abjeto que é, afinal, “interior” ao sujeito como seu próprio repúdio fundacional. (BUTLER, 2019, p. 18)

Antes do acidente/queda da bicicleta que ocasiona a epilepsia, Maria Fernanda já apresentava uma não conformidade com relação às formas de representação binárias fixas do constructo sexo-gênero (BUTLER, 2010), como pode ser observado nos trechos seguintes:

Eu tinha uma bicicleta, mas não era nem cromada nem de cross. Era uma Monark Brisa com cestinha e flores que eu achava ridícula mas que servia ao propósito de bicicleta de menina. (POLESSO, 2019, p. 31)

Camiseta, short, cabelo penteado e gritei que estava pronta. Minha mãe me olhou como se eu não tivesse jeito mesmo. – Nem um brinco, filha? Um anelzinho? Aquele que a vó te deu? A correntinha, quem sabe? (POLESSO, 2019, p. 34)

¹¹ No feminino, para demarcar nossa recusa/repulsa à farsa do universal masculino que exclui, apaga, invisibiliza e silencia a existência de pluriversalidades.

A crença na existência de uma diferença sexual conferida pela natureza que cria um binômio fixo de gênero (homens/mulheres) impõe a assimetria entre os gêneros (feminino/masculino) e estabelece modelos ideais de “feminilidade” e “masculinidade”. Apoiadas nessa oposição conceitual dos binômios homem/mulher e masculino/feminino são construídas demarcações sociais. Comportamentos, objetos e espaços destinados a determinado gênero e interditos ao outro, “coisas/roupas/brinquedos de menino” e “coisas/roupas/brinquedos de menina”, como aparece no trecho acima. De acordo com estes ideais reguladores centrados na heteronormatividade, se conceitua o que é apropriado ou inapropriado para que a “identidade de gênero” se torne inteligível. Segundo Butler (2018), o gênero é uma identidade constituída e instituída por meio de uma repetição estilizada de atos, uma realização performativa na qual não somente a plateia social, mas os próprios atores acreditam e, em decorrência desta crença, performam. Paul Beatriz Preciado (2014) acrescenta:

A (hetero)sexualidade, longe de surgir espontaneamente de cada corpo recém-nascido, deve reinscrever-se ou reinstituir-se através de operações constantes de repetição e de recitação dos códigos (masculino e feminino) socialmente investidos como naturais. (PRECIADO, 2014, p. 26)

A matriz heterossexual legitima o binarismo masculino/feminino denotando a performatividade correspondente esperada que delimita os padrões a serem seguidos a partir da “produção de oposições discriminadas e assimétricas entre ‘feminino’ e ‘masculino’, em que estes são compreendidos como atributos expressivos de ‘macho’ e ‘fêmea’” (BUTLER, 2010, p. 38-39). Desta forma, se estabelece a hierarquia entre masculino e feminino e se naturaliza a heterossexualidade compulsória. É inegavelmente relevante e significativo o fato de



ser a provocação sexista do amigo que leva Nanda a perder o controle pela primeira vez:

– Primeiro as damas.

O Alexandre disse isso querendo ser gentil, mas me irritou um pouco, porque, durante a construção da pista, eu não tinha sido dama, eu tinha sido peão. Nós dois carregamos terra, roubamos os tijolos. Eu trouxe quatro de uma vez só no último assalto. (...) Peguei a bike, irritada.

– Aposto que faço melhor – ele falou baixinho.

Segui pela pista com alguma coisa entre meus dentes, talvez um vai tomar no cu. (POLESSO, 2019, p. 30-31)

Afinal, o gênero é “uma tecnologia de poder que se encontra na base do funcionamento desta sociedade injusta e misógina tal como a conhecemos” (MIÑOSO, 2007, p. 143 – trad. nossa¹²). A raiva e a necessidade de provar que é capaz, bem como a de sair do lugar subalternizado em que foi colocada por “ser menina”, apesar de ter trabalhado tanto ou mais que Alexandre na construção da pista de corrida, serve como um gatilho¹³ que acaba desencadeando tudo o que acontece depois:

Acho que a última vez que me empolguei mesmo foi logo depois da construção da pistinha de bicicleta, a primeira volta pra valer que dei.

Depois foi sempre medo.

Retração.

Autopiedade. (POLESSO, 2019, p. 165)

¹² Do original: “una tecnología de poder que se encuentra en la base del funcionamiento de esta sociedad injusta y misógina tal y como la conocemos”. (MIÑOSO, 2007, p. 143)

¹³ “Gatilho” aqui utilizado como um estímulo que desencadeia sentimentos e/ou aciona comportamentos.

Tanto no campo simbólico quanto no mundo social, aquilo que ameaça ou desestabiliza os valores sociais, que prezam pelo controle e previsibilidade das situações – por mais que ambos sejam ilusórios – é visto como abjeto e monstruoso. A epilepsia, “considerada uma das doenças crônicas com maior nível de estigma” (FERNANDES e LI, 2006), principalmente pelo fato de vivermos em uma sociedade capacitista, que se baseia em uma concepção padronizada, um padrão de corpo definido como perfeito, faz com que a narradora deixe de se considerar “uma criança exemplar” (POLESSO, 2019, p. 23) e se torne alvo de abjeção na escola: “Passei a ser chamada de ‘mina do tremelico’” (POLESSO, 2019, p. 44). Sofrer tanto opressão ativa e deliberada (insultos e considerações negativas) quanto opressão passiva (tratamento de pena e de inferioridade/subalternidade) não somente destrói sua autoconfiança e autoestima, mas a transforma – de pessoa que aposta, enfrenta, anseia e mantém os pedais em movimento a pessoa que se culpa, se desculpa, se julga incapaz, teme a velocidade e freia – e a faz se afastar do mundo, das outras pessoas e de si mesma: “eu me sentia uma bosta, uma inútil, alguém que não era normal.” (POLESSO, 2019, p. 51). No entanto, seu isolamento não se manifesta como desistência. Muito pelo contrário, a personagem mantém uma pulsão que a move em direção à vida – “nunca pensei em me matar, ao contrário, eu quero viver alguma coisa” (POLESSO, 2019, p. 150) –, que tem como maior impedimento a necessidade que desenvolve, de controle e “normalidade”, baseados em construções sociais que pouco ou nada se assemelham aos seus desejos reais ou à sua verdade subjetiva: “Eu tinha uma imagem muito distorcida de tudo. Eu tinha uma imagem horrível de mim” (POLESSO, 2019, p. 78).

Os binários de sexo-gênero e a heterossexualidade compulsória organizam os modos de pensar o lugar dos sujeitos na sociedade. Todas as pessoas, inclusive as lésbicas, são socializadas dentro da lógica do pensamento hetero (WITTIG, 1980),



ou seja, são “heterossexualizadas”. Richard Miskolci (2017, p. 34-35) elucida que todas as pessoas, sem exceção, são sociabilizadas dentro de um regime de “terrorismo cultural” onde o medo da violência e da abjeção é a forma mais eficiente de imposição da heterossexualidade compulsória. Neste processo, condutas majoritárias como a heteronormatividade são introjetadas por homossexuais, muitas vezes provocando a homofobia internalizada¹⁴. Em uma sociedade como a nossa, que hierarquiza até os âmbitos da sexualidade, a homossexualidade se dá em um processo de subordinação que lhe atribui uma condição de inferioridade ontológica, imutável e essencializada em relação ao hegemônico/heterossexualidade (MISKOLCI, 2009, p. 166). Uma das estratégias de manutenção da heterossexualização das mulheres é invisibilizar a possibilidade lésbica e torná-la culturalmente ininteligível. Adrienne Rich (2010) argumenta que a mentira da heterossexualidade compulsória feminina:

coloca um sem-número de mulheres aprisionadas psicologicamente, tentando ajustar a mente, o espírito e a sexualidade dentro de um roteiro prescrito, uma vez que elas não podem olhar para além do parâmetro do que é aceitável. (RICH, 2010, p. 41)

Para que Maria Fernanda possa aceitar e assumir sua lesbianidade, que é “completamente apaixonada pela Joana (...) desde sempre” (POLESSO, 2019, p. 77), precisa se reiniciar. É necessária uma quebra do contrato heterossexual, uma recusa que rompe com os papéis de gênero de reprodução biológica e erotismo estabelecidos pelos discursos hegemônicos “ao não se definir em função do desejo masculino” (BAILEY, 1999, p. 406). Esses papéis de gênero tomam como certo que a

¹⁴ “Homofobia interiorizada” ou “homofobia internalizada” é o medo ou repulsa da própria homossexualidade. Por não ser reconhecida pelo próprio indivíduo, esse medo, rejeição e desvalorização são frequentemente projetados de forma inconsciente.

base de toda e qualquer sociedade é a heterossexualidade, estigmatizando a lesbianidade e a classificando como “anormal”, “doentia”, “incompleta”, condenada ao fracasso e à abjeção.

Eu encarava a coisa toda da Joana como um problema a ser esquecido ou simplesmente riscado da lista dos afazeres resolutivos e que, no momento em que fosse erradicado da minha vida, deixaria de ser um problema.

Feito. Risca fora. (POLESSO, 2019, p. 88)

Como apontado no trecho acima, até aquele momento, a “estratégia” da protagonista era ignorar/silenciar sua lesbianidade. A experiência de Joana não é mais simples nem mais fácil. Para ela a heterossexualidade não é uma escolha, é uma obrigação: mulher cis, considerada “um corpo saudável” e, portanto, “(re)produtivo”, em uma sociedade heterossexual que perpetua e cultua a crença de que o casamento heterossexual monogâmico e a orientação sexual voltada para os homens – mesmo se opressivos e não satisfatórios – são inevitáveis, componentes de suas vidas, “destino natural” das mulheres (RICH, 2010, p. 26). Algo imposto, administrado, organizado, propagandeado e mantido por força, assim como a reprodução da “espécie” e da própria sociedade heterossexual. (RICH, 2010). O que fica evidenciado na seguinte fala de Joana: “Meus pais tão me cobrando, porque, segundo eles, eu tenho que ter um namorado, porque já tenho quase trinta e nunca apresentei ninguém em casa.” (POLESSO, 2019, p. 124). Joana até tenta se enquadrar na heteronormatividade: “Como é foda, porque eu fiquei tentando namorar uns caras mas nunca deu certo, porque não tinha como dar certo, né?” (POLESSO, 2019, p. 125). Em vão, já que o desejo de satisfazer os anseios e cobranças dos pais e da sociedade heterossexual não sustenta a negação da satisfação subjetiva, de realmente existir sendo como e quem ela é.



A partir do momento em que a infantiliza e faz com que não seja vista como adulta, a superproteção dos pais decorrente da epilepsia de certa forma exime Nanda de sua sexualidade. É com uma comiseração condescendente, usando o diminutivo como se falassem com uma “criança grande” (POLESSO, 2019, p. 97), que suas primas se dirigem a ela: “tu também vai encontrar alguém para ficar junto, Nandinha” (POLESSO, 2019, p. 97). Considerada como “um corpo doente”, “dependente” e “incapaz”, nem a família nem a sociedade lhe cobram, muito menos esperam que ela seja sexualmente ativa ou (re)produtiva: “Previa a minha mãe respondendo por mim. Se adiantando à minha incapacidade, à minha falta de vontade. Mas o que ela pensava é que eu jamais teria um namorado.” (POLESSO, 2019, p. 49). Não se trata de assexualidade, compreendida “como forma de viver a sexualidade caracterizada pelo desinteresse pela prática sexual, que pode ou não ser acompanhado pelo desinteresse por relacionamentos amorosos. O desinteresse sexual/amoroso – construído social, histórica e culturalmente como transtorno psicológico ou fisiológico – tem sido ressignificado, a partir do século XXI, como forma distinta e legítima de sexualidade, situada no espectro mais amplo da diversidade sexual” (OLIVEIRA e VIANA, 2015). Como a própria narradora declara: “Eu queria me apaixonar. Queria sentir coisas que não conseguia verbalizar e que só de pensar me davam vergonha.” (POLESSO, 2019, p. 90). Nanda afirma: “A virgem de trinta anos. Não é que eu não sentisse, que não tivesse desejos, eu só não sabia administrá-los” (POLESSO, 2019, p. 103) e várias vezes reafirma:

pensei em dizer que era virgem ainda e que me sentia uma retardada emocional, porque, fora um selinho quando eu tinha onze ou doze anos, nunca mais beijei na boca, e que tive um namorado por quase três anos, só que foi um namoro virtual e o mais próximo que cheguei de sexo foi ver ele tocar punheta no MSN, eu nunca

nada nunca, entenderam?, e, para além do contato social, eu sinto falta de contato físico, sinto falta de toque (POLESSO, 2019, p. 150)

Assim como Joana, Maria Fernanda também estabelece um relacionamento heteronormativo, que durante algum tempo lhe serve como “escudo de normalidade” (POLESSO, 2019, p. 96). É um vínculo que mantém no âmbito virtual, já que nunca aceita encontrar Antônio pessoalmente: “um namoradinho idiota cuja boca eu nunca tinha beijado, nem sequer tocado, um namoradinho idiota da internet, um namoradinho que eu nem queria ter” (POLESSO, 2019, p. 101) e parece existir muito mais para que, como ela mesma aponta, possa (se) afirmar: “Olha, eu tenho um namorado” (POLESSO, 2019, p. 96).

A relação que Nanda e Joana mantêm durante anos é permeada por lacunas e palavras não ditas: “mantínhamos essa amizade que era profundamente amorosa, e na mesma medida silenciosa, porque não nos dizíamos coisas importantes” (POLESSO, 2019, p. 123). Natalia Borges Polezzo não apresenta o ponto de vista de Joana, a personagem só pode ser percebida através do que é mostrado por Nanda. Apesar da forte indicação de reciprocidade: “Mas tu não é muita gente, tu é tu. Minha tu, Nanda.” (POLESSO, 2019, p. 119), esta não é efetivamente comprovada na narrativa e se mantém no campo da suposição. Existe um momento em que a possibilidade de sexo entre as duas é manifesta:

a respiração pesando, o hálito da Joana embaçando minhas vontades. Ela grudou a testa no meu pescoço e ajoelhou o queixo no meu ombro. Eu deixei minha mão escorregar até a barriga dela. Apertei os lábios. Mexi meus dedos bem devagar, entrando por baixo da blusa do pijama só um pouco, como se não fosse sério, como se tivesse sido um doce engano. Encontrar a pele quente e macia da Joana na ponta dos meus dedos. Ela se mexeu toda e colou aquela boca enorme no meu pescoço, atrás da minha orelha e, num abrir e fechar de olhos mais lento, já estava sobre a minha bochecha,



quase na boca. Aproximei minhas pernas às dela, ela respirando mais pesado. Apertou a mão sobre o meu peito. Gelei.
– Meu braço tá dormente.
Mentira.
Virei buscando um pouco de ar. E assim ficamos (POLESSO, 2019, p. 76)

Maria Fernanda recua, talvez porque “estar desejando coisas estranhas, desejando com o corpo” (POLESSO, 2019, p. 73) para ela represente a expressão do que mais teme e tenta evitar: descontrole (no caso, tanto corporal quanto emocional) e “anormalidade” (de acordo com as normas da sociedade heterossexual). Neste sentido, Audre Lorde (2019) assevera:

Em nome do silêncio, cada uma de nós evoca a expressão de seu próprio medo – o medo do desprezo, da censura ou de algum julgamento, do reconhecimento, do desafio, da aniquilação. Mas, acima de tudo, penso que tememos a visibilidade sem a qual não vivemos verdadeiramente. (LORDE, 2019, p. 53)

O medo de ser expor, ser rejeitada e perder a amiga a faz optar por ficar – e deixar quem lê – em dúvida: “Talvez ela sentisse a mesma coisa que eu, mas eu não teria coragem de tirar a prova” (POLESSO, 2019, p. 73). A manipulação discursiva heteronormativa constrói um sentimento de não pertencimento, uma zona inabitável de inteligibilidade onde a abjeção funciona como espectro ameaçador e de regulação das práticas identificatórias (BUTLER, 1999). Audre Lorde (2019) adiciona que “Fomos socializadas a respeitar mais o medo do que nossas necessidades de linguagem e significação, e enquanto esperarmos em silêncio pelo luxo supremo do destemor, o peso desse silêncio nos sufocará” (LORDE, 2019, p.

55). Muitos anos se passam antes que Joana finalmente consiga romper o silêncio, “sair do armário”¹⁵ e se assumir para Maria Fernanda e para si mesma:

– Acho que eu sou gay, Nanda.
Eu fiquei olhando pra Joana sem acreditar.
– Lésbica, acho que é isso que eu sou. Acho, não. É isso. Sempre foi. Sempre vai ser. Já peguei. – A Joana parou.
Fiquei olhando sem acreditar que aquilo tinha realmente saído da sua boca. (...) – Por favor, Nanda, diz aí alguma coisa.
Eu tinha um engasgo tão grande no fundo da goela, que nada saía, nem gagueira, nem letra, nem ar.
– Tudo bem. Eu – parei de novo – é que não tava esperando isso.
(POLESSO, 2019, p. 124-125)

Como enuncia Norma Mogrovejo (2008), “eu sou lésbica” é a afirmação de uma existência que saiu do silêncio, é declarar uma pertença, assumir uma (o)posição específica em relação aos códigos sexuais dominantes e ao sistema de poder opressivo da heterossexualidade obrigatória. Exatamente por isso, é “indispensável fazermos uso de modo afirmativo de termos como ‘lésbica’, ‘sapatão’, palavras que foram e são utilizadas negativamente para diminuir humanidades.” (APARECIDA, 2019, s/p). A suposição de que a maioria das mulheres são heterossexuais de modo inato, a negação e invisibilização da existência lésbica e a lesbofobia estão estruturalmente enraizadas. Até mesmo para Maria Fernanda, que também é lésbica, a “revelação” de Joana parece algo excepcional, inesperado, fora do “comum”, com o qual ela não sabe lidar. Como a própria Natalia Borges Polesso (2020) afirma:

¹⁵ “O armário” ou o “segredo aberto”, de acordo com Sedwick (2007), “é um dispositivo de regulação da vida de gays e lésbicas que concerne, também, aos heterossexuais e seus privilégios de visibilidade e hegemonia de valores. (...) O armário gay não é uma característica apenas das vidas de pessoas gays. Mas, para muitas delas, ainda é a característica fundamental da vida social, e há poucas pessoas gays (...) em cujas vidas o armário não seja ainda uma presença formadora.”



se o desejo lésbico transcende as categorias do sexo, se ser lésbica contesta esse edifício chamado sexo, se deixa de reatualizar o mito da feminilidade, se quebra os contratos com a heteronormatividade, se busca novas formas de masculinidades, se rompe com a inveja do falo, se confunde essa ficção reguladora do gênero, se questiona a universalidade da opressão, se não conforma com a economia fálica, flácida e masculinista das estruturas de parentesco, então, a lésbica desestabiliza todas essas premissas sobre as quais fundamos a sexualidade e a civilização. (POLESSO, 2020, p. 12)

Apesar do silêncio e da perplexidade com que a recebe, a visibilização da lesbianidade de Joana corporifica reconhecimento e possibilidade de uma nova perspectiva de vivência e existência para a protagonista, e isso a impulsiona. A partir do momento que acolhe o que deseja – “Eu queria cuidar da Joana, queria mostrar pra ela que podia cuidar dela” (POLESSO, 2019, p. 126) –, Maria Fernanda adquire objetivo. Volta a se deslocar, não mais em perseguição de uma suposta “normalidade”, mas em direção a primeiro descobrir/reaver e depois ser e assumir quem realmente é e quer.

Joana afunda as mãos no meu crânio, seus dedos penetram minha cabeça, chegam a lugares escuros, minha câmara fria, Joana chega com seus dedos dentro de mim, dentro da minha cabeça, Joana toca onde jamais tocarei, onde nem o cirurgião conseguiu chegar. Lá ela chega. (POLESSO, 2019, p. 130).

Após a cirurgia que elimina suas crises em definitivo, Nanda se lança numa busca intensiva por independência e aceitação que culmina em uma viagem para São Paulo, a primeira que faz sozinha. Exatamente por seu aspecto de formação, a temática da viagem é um dos elementos cruciais do *Bildungsroman*. Essa jornada, que tem como referência o escrito no relógio de borracha que ganhou de Antônio (*it's never too late*) e o que desejou para si mesma no *réveillon* (movimento), opera

como modo de iniciação – "Era a minha primeira vez em muitas coisas" (POLESSO, 2019, p. 154) – e de formação. Ir ao encontro de Joana acarreta uma sequência de quebras de padrões de comportamento e de pensamento, como no trecho a seguir: "Pensei no que tinha acabado de acontecer. Será que a moça da agência tinha flertado comigo? Eduarda tinha acabado de criar uma fissura num muro. Um sorriso escapou da minha cara." (POLESSO, 2019, p. 144). A narradora-protagonista atravessa um percurso de auto(re)conhecimento, de jornada rumo a si mesma, de (re)construção da própria identidade/subjetividade que a leva a se espelhar no descontrole que antes tanto temia– "Sinto umas faíscas começarem na parte de trás do meu crânio. Espasmo. Mas é apenas susto de mim mesma. Susto de tocar o que sou por dentro." (POLESSO, 2019, p. 21) – e na diversidade, que antes lhe parecia anômala, indizível e estranha:

– Vim pra ver as pessoas também... mulheres.

Disse aquilo meio sem pensar e, logo que a frase saiu, senti um calor nas bochechas. Me senti idiota e ao mesmo tempo aliviada, porque era a primeira vez que eu verbalizava o desejo. (...) era a primeira vez que eu admitia para mim mesma que me sentia atraída por mulheres (POLESSO, 2019, p. 149-150)

A partir desta aceitação/confissão de Maria Fernanda, feita muito mais para si mesma do que para Flávia e Bárbara – duas mulheres que conhece no banheiro do aeroporto e com quem divide um táxi –, a narrativa toma uma "velocidade cósmica" (POLESSO, 2019, p. 162) de novas experiências e descobertas – "Eu já tinha bebido, já tinha fumado um cigarro, já tinha tomado ácido, já tinha beijado não uma, mas duas gurias, já tinha me sentido molhar inteira por dentro, pelo que entendi das coisas, por que não continuar?"(POLESSO, 2019, p. 163) –, que se aproxima do ritmo intenso e quase vertiginoso do início. Ao ver Joana com a namorada, Maria Fernanda sofre sua "primeira dor de cotovelo" (POLESSO, 2019, p.



160) e admite e entende que “Doeu porque poderia ser eu mas não era. Nunca seria. Porque eu nunca tinha dito nada, sempre mantive as coisas guardadas, bem guardadas” (POLESSO, 2019, p. 154). É justamente no show do *New Order* que reencontra Flávia e Bárbara e, ao se permitir vivenciar “Prazeres desconhecidos” (POLESSO, 2019, p. 162) se percebe “contente e um pouco frustrada de ter compreendido agora tudo o que eu poderia ter feito, tudo o que eu sempre poderia ter feito. Mas nunca fiz.” (POLESSO, 2019, p. 162-163). Afinal, parece apreender que

you never really is whole if you stay silent, because there's always that little piece inside you that wants to be put out there, and the more you ignore it, the more it irritates you and drives you crazy, and if you don't let it out, one day it will revolt and hit you in the face, from the inside. (LORDE, 2019, p. 53)

Após verbalizar para Flávia e Bárbara tudo que sempre silenciou, vai ao encontro de Joana (e de si mesma) para romper não somente a mudez, mas também a imobilidade e a invisibilidade que se auto infligiu durante duas décadas: “eu diria o que eu sempre tinha sentido, que não era só a epilepsia que me estremecia, que ela também, toda vez que chegava perto” (POLESSO, 2019, p. 170). Ao determinar “Joana, quando eu te encontrar, eu vou tornar reais todas as vontades, todos os prazeres desconhecidos” (POLESSO, 2019, p. 171), aceita e assume quem é, o que sente e deseja: “Sem desviar como no dia anterior. Como em todos os dias. Sem desviar” (POLESSO, 2019, p. 170). Mais do que isso, se dispõe a se expor, tanto para Joana quanto fisicamente, já que sai “voando em desejos” (POLESSO, 2019, p. 153) pela rua em uma bicicleta roubada. E é novamente a perda do controle da direção de uma bicicleta que não lhe pertence (assim como os discursos e parâmetros homogeneizadores) que a faz sofrer uma

segunda queda. Mas se o primeiro acidente resulta em corte, isolamento, depressão e desvio, o segundo proporciona um retorno que se assemelha a um (re)nascimento: “agora me dou conta de que entrei na vida, aos tombos mas entrei. Quebrada, entrei. De novo. Aposto que cheguei tarde, mas é tudo meu agora.” (POLESSO, 2019, p. 16). Um derradeiro abandono da culpa e do “Me desculpa” repetitórios e contínuos, da obsessão por “normalidade” e controle – “a normalidade também me era estranha” (POLESSO, 2019, p. 164) – que a paralisavam e uma retomada da pulsão destemida que antes a movia:

Aposto que não morro nessa. Aposto que vivo mais. Vivo bem mais. Essa é a graça de tudo. Eu vivo mais. Mas aposto que chego no chão antes que possam pensar em me segurar. Aposto que chego a conclusões antes de me arreentar. Aposto que chego antes de tudo isso acontecer de fato. Aposto alto. Aposto rápido no agora. Agora tudo é possível. (POLESSO, 2019, p. 171-172)

Assim como “normalidade”/“anormalidade”, controle/descontrole são questões primordiais no romance. Tanto o controle dos corpos, da sexualidade e dos discursos quanto as formas de interdições e controle sociais. O percurso individual da protagonista-narradora é marcado pelas diversas tecnologias de dominação e opressão que regulam e atravessam não somente as lésbicas, mas todas as vidas relegadas ao lugar/papel do “outro”. Para Maria Fernanda, essas estruturas hierárquicas e padronizadoras do poder se evidenciam como origem, causa e sintomas de seu adoecimento, enquanto o amor, o sexo, o desejo e a lesbianidade figuram um modo e um caminho de cura, libertação, potência e pulsão de vida, como fica claro na última frase da narrativa: “Eu quero viver, tenho certeza *here comes love it's like honey* eu tenho certeza, *you're not alone anymore you shock me to the core eu sei we're like crystal we break easy* eu quero viver.” (POLESSO, 2019, p. 172).



Levando em conta a invisibilização que o protagonismo lésbico sofreu e ainda sofre na literatura brasileira e que as pouquíssimas personagens lésbicas existentes na literatura canônica foram apresentadas muito mais com a finalidade de confirmar e (re)afirmar a “infelicidade de ser lésbica” e a lesbianidade como esteriótipo e/ou estigma, o final de *Controle*, repleto de possibilidades, desejos e pulsão de vida é uma representatividade que se faz necessária e é muito bem-vinda.

Referências bibliográficas

APARECIDA, Luciany. *O rótulo literatura lésbica impulsiona ou limita as obras? Entrevista. [Entrevista cedida a]* LIMA, Luciana Domingos de. *Nexo Jornal* (online), 2019. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2019/06/30/O-r%C3%B3tulo-literatura-l%C3%A9sbica-impulsiona-ou-limita-as-obras>. Acesso em 23 fev. 2021.

BUTLER, Judith. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. Trad. Jamille Pinheiro Dias. *Cadernos de Leitura*, n. 78, Edições Chão da Feira, jun. 2018. Disponível em: <https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2018/06/caderno_de_leituras_n.78-final.pdf>. Acesso em 19 fev. 2021.

_____. *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

_____. *Corpos que importam: os limites discursivos do "sexo"*. Trad. Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. São Paulo: N-1 edições e Crocodilo Edições, 2019.

_____. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do 'sexo'*. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 151-172, 1999.

CURIEL, Ochy. *La Nación Heterossexual: Análisis del discurso jurídico y el régimen heterossexual desde la antropología de la dominación*. Bogotá, Colombia: Brecha Lésbica y en la frontera, 2013.

FALQUET, Jules. Romper o tabu da heterossexualidade: contribuições da lesbianidade como movimento social e teoria política. *Cadernos de Crítica Feminista*, ano VI, n. 5, p. 8-31, dez. 2012. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/16XyVfMma_G4k-dBiBcMJpd7aKQ1BP7bi/view>. Acesso em 17 fev. 2021.



FERNANDES, Paula Teixeira; LI, Li Min. Percepção de estigma na epilepsia. *Journal of Epilepsy and Clinical Neurophysiology*, Porto Alegre, v. 12, n. 4, p. 207-218, dec. 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/jecn/v12n4/a05v12n4.pdf>>. Acesso em 20 fev. 2021.

FIGUEIREDO, Eurídice. *Por uma crítica feminista: leituras transversais de escritoras brasileiras*. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020.

IANNI, Otávio. A metáfora da viagem. In:_. *Enigmas da Modernidade-Mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

KATZ, Jonathan Ned. *A invenção da heterossexualidade*. Trad. Clara Fernandes. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

LORDE, Audre. A transformação do silêncio em linguagem e em ação. In:_. *Irmã outsider*. Trad. Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p. 51-55, 2019.

MIÑOSO, Yuderkys Espinosa. *Escritos de una lesbiana oscura: reflexiones críticas sobre feminismo y política de identidad en América Latina*. Buenos Aires-Lima: en la frontera, 2007.

MISKOLCI, Richard. *Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, UFOP-Universidade Federal de Ouro Preto, 2017. (Série Cadernos da Diversidade, 6)

_____. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, Porto Alegre, n. 21, p. 150-182, Jun. 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/soc/n21/08.pdf>>. Acesso em 21 fev. 2021

MOGROVEJO, Norma. ¿Literatura lésbica o lesboerotismo? El caso de México. *Sinister Wisdom Journal*, n. 74, p. 8-13, Dover, Florida, 2008. Disponível em: <http://www.sinisterwisdom.org/sites/default/files/Sinister%20Wisdom_74.pdf>. Acesso em 14 fev. 2021.

MYRON, Nancy; BUNCH, Charlotte. *Lesbianism and the women's movement*. Baltimore: Diana Press, 1975.

OLIVEIRA, Elisabete Regina Baptista de; VIANNA, Claudia Pereira. *Minha vida de ameba: os scripts sexo-normativos e a construção social das assexualidades na internet e*

na escola. *Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-11052015-102351/pt-br.php>>. Acesso em 21 fev. 2021.*

POLESSO, Natalia Borges. Sobre literatura lésbica e ocupação de espaços. *Estudos Literários Brasileiros Contemporâneos*, n. 61, e 611, Brasília, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/elbc/n61/2316-4018-elbc-61-e611.pdf>>. Acesso em 15 fev. 2021.

_____. *Controle*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____. Diálogos possíveis: entrevista com Natalia Borges Polessso. [Entrevista cedida a] DUTRA, Paulo. *Journal of Lusophone Studies*, Stanford, v. 3, n. 2, 2018a. Disponível em: <<https://jls.apsa.us/index.php/jls/article/view/238>>. Acesso em 21 jul. 2020.

_____. Geografias lésbicas: literatura e gênero. *Revista Criação & Crítica*, [S. l.], n. 20, p. 3-19, 2018b. DOI: 10.11606/issn.1984-1124.v0i20p3-19. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/138653>>. Acesso em 9 fev. 2021.

_____. Eu escritora, eu lésbica. *Blog do Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea da Universidade de Brasília*, 8 abr. 2017. Disponível em: <<http://gelbcunb.blogspot.com/2017/04/eu-escritora-eu-lesbica.html>>. Acesso em 15 fev. 2021.

PRECIADO, Paul Beatriz. *Manifesto contrassexual*. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.

PRINS, Baukje; MEIJER, Irene Costera. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. *Revista Estudos Feministas [online]*, 2002, v. 10, n. 1, p. 155-167. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100009>>. Acesso em: 12 jul. 2022>.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades*, [S. l.], v. 4, n. 05, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309>>. Acesso em 12 jul. 2022.



SAAVEDRA, Carola. Apresentação. In: POLESSO, Natalia Borges. *Controle*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SCHMIDT, Rita Terezinha. *Descentramentos/convergências: ensaios de crítica feminista*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do Armário. Campinas. *Cadernos Pagu* (online), n. 28, São Paulo, jan-jun 2007, p. 19-54. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/03.pdf>>. Acesso em 12 jul. 2022.

SEGATO, Rita Laura. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. Trad. Rose Barboza. *E-cadernos CES* (online), v. 18, 2012. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/eces/1533>>. Acesso em 12 jul. 2022.

WITTIG, Monique. The straight mind. *Feminist Issues*, n. 1, 1980, p. 103-111.

Recebido em 12/09/2022
Aceito em 25/10/2022